

# Editorial

*Diversidade. Uma cidade, um campo, de longe são uma cidade e um campo; mas, à medida que nos aproximamos, são casas, árvores, telhas, folhas, plantas, formigas, pernas de formigas, até o infinito.*  
(Pascal – Pensamentos)

Esta edição da **Revista Confluências Culturais** (“*Olhares urbanos e espaços temáticos – Patrimônio urbano e patrimônio rural; Patrimônio cultural, desenvolvimento e sustentabilidade; Memórias e urbes; Reespacializações culturais*”) contém sete artigos, um ensaio, dois resumos de dissertação e uma entrevista. Portanto transita por variações temáticas que envolvem as discussões de aspectos da patrimonialização de bens culturais urbanos e rurais, memórias e reespacializações.

O artigo de abertura, intitulado “Valorização e preservação de ladrilhos hidráulicos do período *art déco* brasileiro presentes no centro histórico de Santa Maria (RS)”, promove reflexões sobre o patrimônio cultural e a importância da preservação do ladrilho hidráulico como um revestimento decorativo muito utilizado no Brasil, tendo como recorte o período *art déco*, no centro histórico da cidade de Santa Maria (RS).

Na sequência, o artigo “Discurso histórico, museu e memória: uma reflexão mediante três propostas museais” é dirigido à problematização das propostas de três museus paranaenses, buscando explorá-los enquanto produtores de olhares específicos acerca do patrimônio do passado: *Museu Histórico da cidade da Lapa*, voltado a um evento histórico – o Cerco da Lapa – e suas personagens; *Museu Paranaense (1876)*, cujo tema é a história do Paraná; e o *Museu da Família Haas*, em Ponta Grossa, cuja existência e temática se baseiam na lógica de “não esquecimento” de uma memória familiar. Busca-se a compreensão desses museus em relação à dinâmica do campo museal brasileiro.

Já o terceiro artigo, “Perspectivas arqueológicas e museológicas do Parque Estadual do Pico do Itacolomi e do Parque Arqueológico do Morro da Queimada – Ouro Preto (MG)”, apresenta estudos sobre os parques mencionados, sob o viés teórico da arqueologia da paisagem e arqueologia histórica. Com base no levantamento do contexto histórico e na análise sistemática das ruínas dispersas em ambos os locais, o intuito foi buscar elementos que permitissem compreender a utilização do espaço físico para expressão de uma ordem social, apropriada e reinterpretada por diferentes sujeitos históricos ao longo do tempo, de modo a apontar a musealização como uma possível ferramenta para a preservação e a comunicação dos sítios arqueológicos.

O quarto e o quinto artigo – “Intervenções urbanas: a arte aponta para o futuro” e “Monumentalização do *manguebeat*: construção de memória e identidade em Recife (década de 1990)” – discutem os movimentos e memórias da urbe, o acesso e a fruição da cultura e do espaço urbano, uma vez que nem todos usufruem igualmente o direito à cidade. Apontam também como as intervenções artísticas urbanas e a música participam dos processos de construção de memória em nossa cultura contemporânea.

Os artigos “O Museu dos Compatriotas Emigrantes no Brasil – República Tcheca: uma experiência social” e “Museu e ensino de História: pensar o museu como local de conhecimento e aprendizagem” refletem sobre o papel social do museu como espaço de memória. O primeiro tem como foco expositivo as memórias da emigração tcheca para o

Brasil no século XIX, no vilarejo de Náhlov, região da Boêmia, norte da República Tcheca, cujo museu promove palestras/festas para divulgar a cultura brasileira e abriga em seu espaço uma cafeteria, denominada *Café Brasil*. O segundo opera reflexões sobre de que modo o museu pode ser utilizado como ferramenta para práticas educacionais, destacando esse espaço como lugar que preserva certas memórias coletivas.

O texto “Entre o ‘museu de pobre’ e o ‘museu informação’: novos arranjos museológicos na cidade do Rio de Janeiro” de forma ensaística transita sobre as novas perspectivas museológicas, numa reflexão por meio da tríade memória, espaço e patrimônio, abordando a transformação da casa de Tia Dodô em espaço museológico, o Museu Tia Dodô, em uma favela na zona portuária do Rio de Janeiro.

Na sequência há dois resumos das dissertações “Uma janela aberta para a leitura de mundo: o desenho de crianças de 9/10 anos a partir de intervenções pedagógicas” e “Corpos e(m) imagens na história: questões sobre as mulheres católicas do presente”.

O volume é encerrado com a entrevista do Prof. Dr. Mário Chagas, docente, conferencista e pesquisador da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e professor adjunto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, à jornalista Maria Cristina Dias, mestranda do Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade (MPCS) da Univille. Na entrevista discute-se como os museus podem contribuir para a dignidade da pessoa humana e para a dignidade social.

**Taiza Mara Rauen Moraes**  
Editora Chefe